CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
HOT BLOOD – NO CENTENÁRIO DE JANE RUSSELL
10 de julho de 2021

UNDERWATER! / 1955
(*O Tesouro Submarino*)

Um filme de John Sturges

Realização: John Sturges / *Argumento:* Walter Newman, a partir de uma história de Hugh King e Robert B. Bailey / *Produção:* Harry Tatelman / *Produção Executiva:* Howard Hughes (não creditado) / *Direção de Fotografia:* H. J. Wild / *Montagem:* Stuart Gilmore / *Música:* Roy Webb / *Som:* Stanford Hughton, Terry Kellum e Walter Elliott (efeitos sonoros) / *Interpretações:* Jane Russell (Theresa), Richard Egan (Johnny), Gilbert Roland (Dominic), Lori Nelson (Gloria), Robert Keith (Padre Cannon), Joseph Calleia (Rico), Eugene Iglesias (Miguel), Ric Roman (Capanga) / *Cópia:* DCP, a cores (Technicolor), falado em inglês e castelhano com legendas eletrônicas em português / *Duração:* 99 minutos / *Estreia Mundial:* 9 de fevereiro de 1955, Nova Iorque / *Estreia Nacional:* 11 de maio de 1955, no Império, Lisboa / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Aviso: o presente DCP apresenta uma definição de imagem não consentânea com a espetacularidade visual associada ao Technicolor e ao SuperScope.

Há filmes cujo interesse radica sobretudo naquilo que envolve a sua produção. **Underwater!** é um desses casos, rodado numa altura em que o cinema procura afirmar o seu poder de atração, quer através de dispositivos como o Technicolor e o Scope – aqui em modo “SuperScope” –, quer tornando os filmes veículos para estrelas dispostas a participar na reconfiguração dos cânones de beleza e a repensar o entretenimento fílmico, associando-lhe um erotismo mais explícito. São conhecidas várias anedotas sobre “o busto” de Jane Russell e a própria, na sua autobiografia, *Jane Russell: An Autobiography*, não desvaloriza o papel que este pode ter desempenhado no início da sua carreira, tendo sido decisivo para conquistar a atenção do “lord” Howard Hughes. Ninguém se metia com Hughes nesta altura e, como é sabido, a sua política comercial era baseada largamente em sensações e impulsos, que, aliás, originaram alguns golpes geniais de *marketing*, isto numa época em que Hollywood começava a lidar com a concorrência temível da televisão. **Underwater!** era um filme não muito dispendioso da RKO, no qual o seu homem forte, Hughes, apostava essencialmente em duas atrações: naquela que um dia foi apresentada por Bob Hope como a “two and only”, a incomparável Jane Russell, aparecida no grande ecrã apenas dois anos depois do seu maior sucesso popular, **Gentlemen Prefer Blondes** (1953), no qual fazia parilha com outro ícone da (nova) beleza e do (novo) erotismo, Marilyn Monroe; já a segunda grande atração consistia no facto de uma boa parte da história se passar debaixo de água, num tanque gigantesco mandado construir por Hughes.

A produção foi acidentada e o grau de confiança depositada por parte de Hughes “no produto cinematográfico” nunca foi muito grande – Russell conta isto na sua autobiografia, recordando ainda este filme como uma experiência pouco memorável. Todavia, a receita aplicada a **The Outlaw** (1943), o *western* que lançou o nome e preparou terreno para aquilo que Douglas Brode, no livro *Lost Films of the Fifties*, designou por “Mammary Madness” (“Loucura Mamária”), foi muito bem sucedida nas bilheteiras. Essa receita consistia em dar um embrulho bem “picante” ao produto, suscitando no público uma espécie de atração fatal por um filme que, diga-se de passagem, se revelaria, afinal de contas, muito mais contido do que se havia prometido no material promocional.

Hoje em dia dir-se-ia que **Underwater!** é muito mais lembrado por causa do seu inesquecível cartaz do que pelas suas qualidades cinematográficas ou mesmo pelas sequências em que Russell tira algum

partido da sua proeminência glandular. Com o sugestivo texto “Skin Diver Action! Jane Russell as you’ve never seen her before!”, o cartaz pintado mostra uma Jane Russell oferecida de frente à nossa vista, envergando um biquíni vermelho que pouco consegue esconder e muito revela à imaginação mais incauta. Este é também um filme que ficou conhecido por uma história envolvendo a atriz que viria a rivalizar com Russell no departamento da tal “Loucura Mamária”: uma não creditada Jayne Mansfield tirou máximo proveito da sua participação (invisível) em **Underwater!**. Numa operação fotográfica, Mansfield terá aparecido pronta para uma “Skin Diver Action” na piscina e, contam as crônicas, terá deixado cair a parte de cima do biquíni a tempo de uns quantos disparos. Diz-se que foi um acidente bastante bem planeado. Diz-se também que quando Russell fez a entrada triunfal, os fotógrafos quase nem deram por ela. No dia seguinte, nas revistas e jornais do país, Mansfield, ainda uma desconhecida, roubara o protagonismo à *star*.

Apesar de todo este folclore em torno do filme, e um pouco como acontecera em **The Outlaw**, Russell conta no filme propriamente dito com aparições, em geral, tão discretas quanto anódinas. Parece que a “Skin Action” ficou remetida, quase na integralidade, para o material promocional. Além do mais, Hughes repetiu aqui a fórmula que perseguiu Russell durante muito tempo desde o sucesso de **Gentlemen Prefer Blondes**, fazendo-a contracenar com uma loira, Loira Nelson, que não diz mais do que três ou quatro linhas de diálogo. No decurso da aventura filmada por John Sturges – realizador anulado pela “máquina Hughes” – a própria Russell é quase somente uma espectadora da ação, sendo esta guiada pelo móbil da dupla masculina composta por Richard Egan, uma espécie de “Kirk Douglas dos pobres”, como o descreveu Brode, e um divertido (talvez a personagem mais interessante do filme) Gilbert Roland, um veterano pinga-amor que encara pela primeira vez a possibilidade de estar velho de mais para estas andanças. Os dois exploram as águas arriscadas das Bermudas à procura de um tesouro inestimável (uma Madonna feita de ouro) proveniente de um antigo galeão espanhol.

As imagens subaquáticas são, como disse, um dos pontos passíveis de exercer fascínio, pelo menos ao público de então, ainda que se possa dizer que dois filmes de 1954, **Creature from the Black Lagoon** de Jack Arnold ou **20,000 Leagues Under the Sea** de Richard Fleischer, apresentassem sequências passadas debaixo de água incomparavelmente mais encantatórias ou terríficas. O sentido de perigo é sugerido pela presença de tubarões e do “caçador de tubarões” Rico e o seu capanga, mas nós, público da atualidade, só raramente sentimos esse perigo ou, dito de outra maneira, levamo-lo muito pouco a sério. Este é um dado salientado por algumas críticas da época e que, hoje, não pode deixar de ser notado: o próprio filme parece não acreditar na ameaça que essa dupla de pescadores locais representa para os protagonistas, de tal maneira que consagra um *happy ending* surpreendente pela sua falta de dramaticidade ou *pathos*, traduzida numa negociação muito razoável – pouco “hollywoodesca”, portanto – desenrolada entre o bom e o mau da fita. É o ponto mais interessante do filme: o herói relativiza a fortuna que encontrou debaixo de água, em certa medida reconhecendo, com isso, a sua companheira, a “two and only”, entenda-se, como o primeiro e principal tesouro na sua vida.

Esse desfecho sugere algo que será aprofundado noutro filme de aventuras, com muita ação e algum romance: **The Deep** (1977) de Peter Yates. Esta obra protagonizada pelo casal Nick Nolte e Jacqueline Bisset (de torso várias vezes exposto), repleta da química que tanta falta faz no filme de Sturges, e com Robert Shaw em modo de revisitação do seu conhecido papel de **Jaws** (1975), desta feita, comandando as operações relativas à “busca subaquática”, devolve-nos à mesma paisagem marinha e a perigos muito semelhantes, mas neste último caso a ligação entre as personagens é infinitamente mais complexa e o pico do drama de uma intensidade de, a espaços, tirar a respiração. De qualquer modo, há uma lentidão, digamos assim, “chata” – ou talvez realista – nas cenas de exploração marinha que torna **Underwater!** uma obra de algum interesse dramático apesar ou por causa do seu iniludível anacronismo – nada de muito especial acontece sem ser essa lenta documentação do movimento dos corpos num ambiente adverso e envolvimento ameaçadora *ma non troppo*.

Em suma, ainda que possa servir mal como aventura empolgante ou intrigante para o espectador moderno, que viu **The Deep** ou, filme em que o elemento marinho remete para uma analogia quase

perfeita com o espaço sideral, **The Abyss** (1989) de James Cameron, **Underwater!** poderá valer como artefacto cultural que participou na configuração de um novo tipo de cinema enquanto entretenimento ou espetáculo e, ainda, como elemento de uma economia libidinal alimentada por estratégias de venda que passavam decisivamente pela exploração e manipulação dos corpos das *stars*.

Luís Mendonça